

# Mundo imerso no mundo: o leitor, o autor, o texto, em *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Osman Lins

Rosa Maria Santos Mundim\*

## RESUMO

Este trabalho pretende demonstrar como Osman Lins, usando o disfarce de um narrador-autor em *A rainha dos cárceres da Grécia*, analisa e discute os atos de leitura e criação de textos; a luta com as palavras e a luta no mundo; a solidão do escritor; a resistência contra a tirania e a opressão; a loucura de viver e escrever no mundo real. Como muitos outros trabalhos do autor, este não é um livro de certezas, mas um texto de resistência, de questionamentos e descobertas que desafiam o leitor e o fazem pensar.

## LEITOR, LEITORES: A DESCOBERTA

*A rainha dos cárceres da Grécia, assim, para quem como eu o conhece, torna-se mais e mais semelhante, quando o lemos, a um bairro festivo que se cruza e onde, das lojas e das ruas transversais, vêm ao nosso encontro breves retalhos de músicas: o livro ressoa.* (p. 95)

Um preito de amor ao livro e à criação literária. Assim poderíamos definir o romance *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976). Última obra de Osman Lins, pode ser vista como um legado. Como um testemunho de fé na missão do escritor e de valorização da palavra escrita, mas

---

\* Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras, Literaturas da Língua Portuguesa, da PUC Minas. Professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais.

também como um apelo à reflexão sobre o ato de leitura e a produção de textos, e até mesmo como uma denúncia contra os desacertos de nossa realidade.

Ler, escrever, falar. Nas páginas do livro, tudo se faz “leitura” e “texto”. No plano da realidade, o Brasil de todos os dias (injusto e miserável) aparece nas notícias de jornal que entremeiam as páginas do diário. No plano do real-imaginário, um professor medita e escreve sobre um romance deixado por sua amante morta. No plano do imaginário, a história de Maria de França, que não consegue vencer as barreiras da burocracia do INPS e vai derrubando limites de tempo e espaço, de sanidade e delírio, de memória e esquecimento.

Nesse mundo ao mesmo tempo caótico e fascinante, os personagens são leitores e produtores de textos: o narrador, professor de História Natural, revela-se um apaixonado pelos livros, e cita a todo momento autores clássicos: “A citação é imaginária, unindo fragmentos de Dickens e de Maugham” (Osman Lins, p. 81)<sup>1</sup> e obras famosas: “Deve-se observar, porém, que *A rainha dos cárceres da Grécia* exclui de sua temática o triunfo. Aí está, na linhagem de *Judas*, *o Obscuro*, de *Fome*, de *Manhattan transfer*, um livro de fracassos”. (p. 138)

E vai revelando de várias formas sua paixão pela leitura, buscando nos livros a companhia perdida desde a morte de Júlia: “Poderei afirmar que estou sozinho? Percorro com os olhos e com a imaginação – lento, minhas fileiras de livros, os que já li e os que estão por ler, os que desejo ardentemente ler”. (p. 65)

Porém ele não é apenas leitor de obras literárias. Também lê jornais, cujos recortes cita em várias partes do diário, e ainda lê almanaques e anúncios: “Lembro-me agora de ter lido, no *Almanaque do Pensamento*, suponho, ou em algum velho exemplar do *Almanaque Cabeça de Leão...*” (p. 6). Então percebemos que ele não é uma pessoa afastada do mundo real, mas um atento observador (como deve ser o escritor na visão de Osman Lins) dos acontecimentos da vida de todos os dias.

Esse professor torna-se escritor, ao buscar uma forma de preservar a memória da companheira morta que se vai apagando. De início decidido a escrever sobre Júlia, muda de idéia ao perceber que estudar o seu texto através de um ensaio seria uma maneira de compreendê-la melhor, de divulgar as suas

---

<sup>1</sup> Todas as citações serão doravante indicadas apenas pelos números das páginas.

idéias e lutas para aqueles que não a conheceram pessoalmente. Mas até nessa decisão pesa o fato de ser um leitor apaixonado: “Em vez de escrever sobre a mulher, por que não dedicar um estudo ao livro, que sempre leio?”. (p. 2)

Júlia Marquezim Enone, a sua amante autora do romance, também amava os livros, mas não tinha dinheiro para adquiri-los, como acontece a muitos brasileiros. Para lê-los, conseguia exemplares emprestados dos amigos: “(...) conhece Gilvan Lemos, já com obra publicada, que sempre lhe emprestava livros...” (p. 188). E dessa maneira consegue ler até caros livros importados: “(...) quando se enfiava nas bibliotecas, na Livro 7 – cujo dono lhe emprestava edições estrangeiras, que ela devolvia imaculadas” (p. 188). Tanta importância dá aos livros que, para ela, o ato de escrever aparece como uma missão, um privilégio que se deve conquistar, uma recompensa – e em uma anotação se pergunta: “Tudo que desejo: escrever um livro. Só. Merecerei?”. (p. 178)

Sua vida de pobreza, de andar sem um destino certo, dá-lhe, entretanto, uma vivência do povo e do seu modo de pensar e usar as palavras, uma percepção que falta a alguns escritores: “Júlia Marquezim Enone, com todas as suas leituras era, sem forçar e sem ostentar, uma mulher do povo e com uma aptidão para falar no seu nome, para ver do seu lado, que os escritores não conseguem nunca” (p. 174). Assim é capaz de criar uma personagem que representa com fidelidade, em sua trajetória e em seu discurso, a resistência do povo brasileiro.

Maria de França, personagem do romance de Júlia, não tem acesso à leitura de livros (como grande parte dos brasileiros) mas “Mecanicamente, por assim dizer, reage à palavra impressa, onde quer que a encontre” (p. 200). Embora não compreenda inteiramente o conteúdo do que lhe vem aos olhos, tudo tenta decifrar: “embalagens de remédios e enlatados, bulas, volantes, almanaques, folhetos populares, letreiros comerciais, cartazes de rua, folhas soltas de jornais (...)” (p. 200). E essa leitura de um mundo fragmentado e confuso é também como que um reflexo de sua própria vida, de sua luta contínua mas ineficaz pela sobrevivência.

Assim, ao criar o texto de Maria de França, Júlia coloca na linguagem de sua personagem uma fala popular, que seria facilmente compreendida por todos: “O gênero de discurso consagrado por Maria de França, desprestigiado

e sem antecedentes literários, o discurso radiofônico na mais vulgar de suas expressões, reafirma, acredito, a aversão da autora ao livro e às mensagens impenetráveis”. (p. 94)

A paixão pela palavra, pelo ato de ler e criar textos, perpassa, então, de diferentes formas, com leitores e linguagens diferentes, todas as páginas do livro. Assim como a loucura, que está sempre presente, entremeando a vida dos personagens, fazendo confundir imaginação e realidade. Num universo onde as fronteiras de tempo e espaço se diluem, onde “tudo invade tudo”, onde ficção e realidade teimam em se confundir sem disfarce, como cada leitor-autor se colocaria diante do texto e da escritura? Diante da vida e do mundo?

#### ESCRITOR, ESCRITORES: A CRIAÇÃO

*Amolar navalhas, então, evoca a arte de escrever: pelo que exige do praticante, em exercício e paciência; e pelo modo como o fio se revela, tão semelhante à maneira como o escritor, amolando a sua frase, percebe (também na mão?) ter alcançado o que busca. (p. 97)*

Em *A rainha dos cárceres da Grécia*, dois são os personagens escritores: Júlia Marquezim Enone, que escreve um romance sobre uma migrante nordestina, e o professor-narrador que escreve um ensaio sobre o livro da amada. Através desses personagens e de duas formas diferentes de texto, o autor coloca questões sobre o ofício de escrever, a crítica literária, o papel do escritor e do leitor como participantes do ato de criação. Júlia, ao criar um personagem que vai enlouquecendo no contato com um mundo também caótico e desvairado, parece fazer uma crítica à realidade do país; e o professor, em sua tentativa de deslindar o mundo criado por Júlia, vai mostrando o desconcertante universo do escritor, suas lutas e buscas de caminhos.

Osman Lins usa o disfarce de um professor-narrador para discorrer sobre o autor e o texto, sobre a impenetrabilidade do mundo e o conseqüente mistério da linguagem. E, colocando-se como leitor comum, não especializado, e não como crítico (que revela não pretender ser), advoga a liberdade de não ter a resposta para todas as questões que um texto levanta:

*Sou um homem sensível, e, sob esse aspecto, fora do meu tempo, um homem sensível e enlutado, portador ao mesmo tempo da fascinação por um texto e da paixão por quem o engendrou. Sobra-me, portanto, liberdade para conduzir o livro, aventura intelectual e também, à sua maneira, ato de amor, nada me obrigando a excluir deste ensaio o que eu não puder elucidar.* (p. 143)

A luta árdua e incessante com a palavra, desmentindo o mito da inspiração sem esforço, é também lembrada pelo ensaísta: “Tudo no romance, complicada máquina astuciosa (o romance não se entrega num dia, não se revela na ociosidade e não nasce da mulher), tudo nele é fabricado e exige manejos” (p. 177). E essa luta pode se travar em meio a males físicos, quando o ato de escrever se torna sacrifício: “Tenho maus olhos, eu a quem tanto comprazem os livros. Qualquer esforço maior prejudica-os; o meu gosto de ler é temperado pelo risco”. (p. 27)

Outro aspecto dramático da vida do escritor levantado pelo ensaísta é o da solidão do artista, que é, paradoxalmente, o caminho para encontrar-se com o outro, mas de forma indireta, no texto: “O trabalho do escritor incita-o a isolar-se. Todas as formas de convivência lhe são familiares, mas vem o dia em que ele fecha a porta e é aí, quando parece cortar as ligações com todos e, inclusive, versa uma linguagem pouco habitual, que ele se une aos demais”. (p. 183)

O trabalho incessante e pouco valorizado, a solidão, às vezes até a falta de liberdade, são capazes de conduzir à loucura? O professor-ensaísta chega a admiti-lo, quando diz, referindo-se ao livro de Júlia: “(...) quero ver, nos loucos do romance, na clausura dos loucos, principalmente, o lado negro e cru do ofício de escrever, a condição do autor em algum país onde só se tolera o seu ato essencial quando esvaziado de sentido (...)”. (p. 185)

Em entrevista a Esdras do Nascimento publicada no livro *Evangelho na taba*, o escritor Osman Lins revela como, através das palavras do personagem, transmite a sua posição de humildade diante da obra literária (demonstrada em outros pontos da entrevista), de alguém que, pelo fato de tê-la criado, não se converte em seu possuidor e detentor de todos os seus significados.

*Em A rainha dos cárceres da Grécia, o professor secundário que vai lendo e interpretando o romance inédito deixado pela sua amante, não se cansa de repetir que a sua visão dessa obra constitui apenas uma possibilidade. Ele não aspira a aparecer como aquele que tem a chave da obra. Como seu decifrador. Insiste, ao contrário,*

*em confessar as suas dúvidas. Ele não está certo do que lê. A obra, para ele, é mistério. Ele se coloca, diante da obra, como alguém que se coloca diante do mundo: numa atitude de perplexidade. (p. 251)*

Desse modo, Osman Lins nos mostra que o autor é criador de mundos, mas, ao criá-los, passa a não deter a sua propriedade, e é como se ofertasse uma parte de si mesmo aos leitores e à humanidade. Como se inventasse uma espécie de tesouro que nunca se esgota e sempre tem o dom de renovar-se. E para que isso fique bem claro, ainda na segunda página do diário, ao questionar-se sobre a possibilidade de escrever um ensaio, o professor afirma: “Os textos, em princípio, doação universal. Se sobre ele opinamos ou se os iluminamos de algum modo – se fazemos com que se ampliem em nós – operamos sobre um patrimônio coletivo”. (p. 2)

Ao criar personagens e universos do romance, porém, o escritor pode servir-se do disfarce da ficção para mostrar, aos leitores, aspectos do mundo real que ele desejaria destacar.

#### LEITORES, AUTORES: A LUTA

*Matias de Albuquerque punha sentinelas nas elevações de Olinda, para anunciar os mastros inimigos. Mas quem vê as forças que hoje nos invadem? (p. 139)*

Ler a vida, ler a realidade, para depois colocá-las nas páginas do livro. Essa parece ser a tônica das reflexões do professor, ao refletir sobre o que daria credibilidade a um texto. Essa experiência sofrida, mas enriquecedora, ele parece encontrar e admirar nas aventuras da escritora amada: “Júlia Marquezim Enone, com todas as suas leituras, era, sem forçar e sem ostentar, uma mulher do povo e com uma aptidão para falar no seu nome, para ver do seu lado, que os escritores não conseguem nunca”. (p. 174)

Por isso ela foi capaz de criar um personagem ao mesmo tempo tão comum e verdadeiro como Maria de França. Tanto que os recortes de jornal (datados, reais) que aparecem no diário se equiparam em absurdo às desventuras que ela sofre nas páginas do romance. E o narrador, em certo momento, após dar

exemplo da incoerência dos Manuais de Redação, faz o convite quase cômico: “Voltemos ao mundo, menos extravagante, da louca Maria de França”. (p. 122)

Ao comentar o romance de Júlia, porém, o professor mostra-se a princípio intrigado pelas referências nele encontradas sobre uma suposta guerra, onde se misturam imagens de presente e passado, fatos que parecem reais junto a outros que parecem imaginários. É que ele se esquecera de que na loucura de Maria de França havia sempre um toque de lucidez. E o ensaísta vai aos poucos descobrindo que os episódios falam da conquista de Pernambuco pelos holandeses, mas adverte que o fato quase foi esquecido com o passar do tempo: “Quase nada restou, no Brasil, como herança da Holanda” (p. 131). E acrescenta, com ironia, que na língua a única herança holandesa é a palavra “brodie” – nome do “biscoito militar pago nas viagens marítimas e distribuído aos soldados nas diligências”. (p. 131)

O absurdo, porém, não é privilégio de nossa época: mesmo naquele momento trágico, as autoridades organizam festas e folguedos a fim de animar o povo e desviar sua atenção do perigo que se aproximava. Estes artificios, entretanto, acabam por não ter o efeito desejado, não impedindo a fuga maciça da população à chegada do inimigo: “As crônicas nos dizem que a confiança nutrida pelos bailes de rua e pelas representações populares esvaíram-se à vista dos primeiros mastros inimigos, famílias inteiras debandando com o que podiam carregar, antes que o primeiro tiro sacudisse as árvores”. (p. 133)

O governador Matias de Albuquerque, apesar dos reveses e do poderio do inimigo, ainda tenta resistir, fechando a entrada de Recife com o “sacrifício” de muitos navios, ateando fogo também a suas cargas, a armazéns, a toda casa onde houvesse açúcar. Júlia também, quando narra os episódios dessa conquista holandesa, destrói fronteiras de tempo e espaço, mistura realidade e delírio:

*Com máquinas aladas, Júlia Marquezim Enone remove os aclives e as construções de Olinda algumas das quais, nesse lance encantatório, renascidas do pó, com suas arcas, seus armários, os leitos com seus sobrecéus, mescla à capital de hoje a de ontem, unindo-as com isto, impondo-as sem recusa possível – visões afastadas entre si, de um ponto de vista natural, duplamente inacessíveis ao “eu” que vê e fala.* (p. 137)

Assim a visão do fato histórico apresentada por Maria de França é descontínua, delirante. Entretanto, o professor lê essas passagens lucidamente e

essa mistura não impede que ele, atento à realidade do seu tempo, encontre semelhanças entre as batalhas daquela época e as que, no mundo de hoje, ainda são travadas:

*E se, tanto na guerra fantasma do romance como na que revolve o sudeste asiático, muitos dentre os vencidos arriscam-se a fugir nadando, certos fatos – idênticos na substância – mudam de aspecto. No Vietnã do Sul, um reator nuclear, dinamitado, voa pelos ares, para não cair em poder dos comunistas; em A Rainha dos Cárceres, o incêndio de entrepostos e navios impede que as mercadorias destruídas – fumo, algodão, pau-brasil e açúcar – aproveitem ao invasor. (p. 127)*

Por que Júlia escolheria para focar em seu livro logo o episódio da ocupação holandesa, entre tantos outros de nossa história? Sempre atento à liberdade de opção do escritor, o ensaísta defende a autora que, “podendo escolher, na longa história do domínio holandês no Brasil, episódios favoráveis e, mais do que nenhum, os que culminam com a expulsão definitiva dos conquistadores, houvesse preferido exatamente a invasão e a queda da capitania” (p. 138). E acrescenta uma explicação: “Deve-se observar, porém, que *A rainha dos cárceres da Grécia* exclui de sua temática o triunfo”. (p. 138)

Podemos justificar também a escolha de Júlia, sempre alinhada com as lutas e aspirações populares, citando a afirmação do sociólogo Gilberto Freyre, no prefácio ao livro *Tempo dos flamengos*, ao revelar a importância da resistência pernambucana:

*Foi, com efeito, durante esses vinte e quatro anos de dominação de grande parte da América portuguesa pelos holandeses que se esboçou entre nós aquela “consciência de espécie” – no caso, a luso-brasileira – hoje afirmada em consciência nacional. O invasor despertou-a. (p. 13)*

Assim, o episódio torna-se emblemático, denuncia uma situação que, num acontecimento ocorrido há centenas de anos atrás, permanecia ainda inalterada, não somente no Brasil, mas em várias partes do mundo onde houvesse países dependentes, povos subjugados. Júlia, fiel a uma realidade que vivenciava, não poderia deixar de dar com seu livro um testemunho de consciência do que de fato ocorria à sua volta:

*Mais verdadeiro e significativo que Júlia M. Enone tenha minado o seu livro com cenas de ocupação e não de expulsão do invasor: elas refletem melhor a nossa realidade e a realidade de todos os países ocupados – pelas armas, pelo ouro e por outros instrumentos menos palpáveis.* (p. 138)

Uma explicação surge para o professor, a partir dessas reflexões: “Hipótese: Júlia Marquezim Enone introduz o motivo da *invasão* para explorar o da *resistência*”. (p. 139)

Resistência na qual o escritor tem um papel importante, fato de que Osman Lins tem plena consciência. Em entrevista já citada a Esdras do Nascimento, levanta a seguinte questão: A condição do escritor está ligada à condição de homem. Não se pode dissociar uma da outra. “Acha que ainda é possível, em nosso tempo, a um homem de instrução mediana, ignorar o conflito básico com que nos defrontamos, a reação dos dominados contra os dominadores?”. (Lins, 1979, p. 158)

E o escritor tem um lugar por excelência para a resistência e o encontro: o texto.

#### LEITOR, AUTOR, TEXTO: O MUNDO

*A rainha dos cárceres da Grécia, visto de um modo transcendental, evoca as buscas do homem – a da salvação? a do destino? a da compreensão? – ou todas.* (p. 58)

Como todas as obras de Osman Lins, este não é um livro de certezas, mas um texto de resistência, de questionamentos, de descobertas. E os que amam verdadeiramente a leitura terão também a sensação de se transportar para dentro dele. Mas, ao contrário do professor-ensaísta que nele se perdeu, os leitores ali irão encontrar, através dos personagens e fatos criados pelo autor, um convite para uma reflexão sobre o mundo, a vida, o ser humano:

*(...) mundo imerso no mundo, por ele penetrado e nele penetrando, enquanto uma consciência ativa mantém idealmente os limites da obra: outra é a da consciência, perdida na imensidão que a circunda e tentando manter-se una. Esta consciência, no caso, é a de todos nós e, ao mesmo tempo, tem um nome: o açude vindo na cheia, de algum lugar na Mata ou no Agreste, chama-se Maria de França.* (p. 163)

Maria de França, Júlia Marquezim Enone, o professor-ensaísta, o próprio romance que vai sendo comentado – tudo isso vai construindo outro texto dentro do texto, onde o mundo real das citações jornalísticas é tão surreal, às vezes, quanto aquela realidade enfrentada pelos personagens da ficção. Nesses dois universos se move o escritor – e ele às vezes parece perder-se em suas fronteiras, como numa espécie de insanidade.

Assim, a loucura dos personagens aparece paralela à loucura de um mundo onde há uma constante luta pela sobrevivência; as batalhas inglórias de outrora não se mostram mais sem resultado do que as massacrantes pejeas enfrentadas pelas pessoas de hoje para sobreviver a uma dura realidade; enfrentar o dia-a-dia de nosso cotidiano pode ser tão espantoso quanto assistir às transformações e à perda da memória da gata Memosina...

No romance de Osman Lins, a gata Memosina deixou de existir, quando não se lembrava mais do ser que era; os grandes escritores ficaram confinados em um asilo de loucos; o professor afastou-se do mundo real e, à medida em que foi analisando e penetrando no texto que comentava, tornou-se personagem. Todas essas perdas de memória, porém, são um alerta que nos faz o autor para o perigo que corremos de perder nossa identidade, e devem fazer com que procuremos nos lembrar, cada vez mais, de quem somos como realidade e como povo.

É preciso também que se lembre que, na realidade, o Brasil vivia, à época da publicação do livro (1976), um período de ditadura militar, onde a História era contada somente do ponto de vista dos dominadores. O povo sentia-se oprimido e confuso como Júlia e Maria de França. E o escritor consciente (que Osman Lins sempre foi) sentia que o caminho da preservação da memória e da identidade de um povo passaria pela palavra – e pelo livro. Por isso é tão importante que ele tenha dito em *Evangelho na taba*, a respeito do seu romance e do leitor:

*Acho que A rainha dos cárceres da Grécia pode contribuir no sentido de transformar um não leitor de romances em leitor, ou ainda, contribuir para que um leitor pouco versado no gênero se torne mais lúcido, mais atento, possa ler com mais proveito, com mais prazer. E devo dizer que o bom leitor me interessa imensamente. Diria mesmo que me sinto mais irmanado com o bom leitor que com o bom escritor. (Lins, op. cit., p. 238)*

Dividido entre o mundo real onde vive e o mundo de ficção que criou, o escritor precisa estar vigilante para não perder a lucidez. A perda da memória, a perda da identidade, o envolver-se totalmente no texto podem fazer com que o autor perca o sentido da sua missão: “Posso viver e vivo enquanto morrem em mim os traços e, ainda mais efêmeros, as frases dos meus mortos e o peso, na pele, das mãos deles. Mas se não reconheço a minha espécie? Se ignoro para quê? Se esqueci o motivo? Se perco o segredo?”. (p. 195)

No romance de Osman Lins, as fronteiras entre os dois universos – realidade e ficção – parecem se romper. O exemplo do autor que se transforma em personagem – “Entrego-me, agora mais decididamente, ao meu livro, do qual me fiz servidor” (p. 187) – representa para o escritor uma maldição ou uma bênção?

O livro parece não trazer respostas, a não ser aquela de que o verdadeiro escritor nunca interrompe a sua luta. Ele está continuamente travando a sua batalha, como o fazem os que pelejam no livro de Júlia contra os holandeses. As vezes avançando, às vezes recuando para tomar fôlego e recomeçar. Nunca desistindo, se essa for a sua verdadeira vocação: “O artista: Urna de ar. Duro ofício, este a que se obriga, com instrumentos cujo fio o bom e o mau uso quase sempre embotaram, de representar o que ele próprio ignora e nem a ele revela o que significa! Tinir de espadas”. (p. 212)

#### ABSTRACT

This work intends to demonstrate how Osman Lins, using the disguise of a narrator-author in *A rainha dos cárceres da Grécia*, analyses and discusses the acts of reading and creating texts; the fight with words and the fights in the world; the writer's solitude; the acts of resistance against tyranny and oppression; the madness of living and writing in the real world. Like many other works of the author, this is not a book of certainties, but a text of resistance, of questions and discoveries which defy the reader and make him think.

### Referências bibliográficas

ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos.** Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

LINS, Osman. **A rainha dos cárceres da Grécia.** São Paulo: Melhoramentos, 1976.

LINS, Osman. **Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros.** São Paulo: Summus Editorial, 1979.

LINS, Osman. **Guerra sem testemunhas: o escritor, sua condição e a realidade social.** São Paulo: Ática, 1974.

MELO, José Antônio Gonsalves de. **Tempo dos flamengos.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1987.